

Balanço e futuro

Entrevista com a maestrina

Marin Alsop

Por Camila Fresca

Em 2012, a norte-americana Marin Alsop assumia a regência titular e, pouco depois, a direção musical da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo. Após oito temporadas, 2019 é seu último ano à frente do conjunto; e, a partir de 2020, ela será a primeira “regente de honra” do grupo. Violinista de formação, Alsop é também regente titular da Orquestra Sinfônica de Baltimore. Após décadas de trabalho, com frequência sendo apontada como pioneira numa posição predominantemente masculina, ela vê sua carreira em franca ascensão: foi premiada por sua liderança na promoção da diversidade na música no último Fórum Econômico Mundial de Davos e, a partir de setembro, assume a Orquestra Sinfônica da Rádio de Viena, posto prestigiado e que pela primeira vez será ocupado por uma mulher. Alsop é reservada e de fala concisa. Às vésperas da turnê da orquestra para a China, logo após um dos últimos ensaios, ela recebeu a Revista CONCERTO para uma entrevista. Bem-humorada e ansiosa com a viagem, fez um balanço de seu trabalho com a Osesp.

AGENDA

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo
Marin Alsop – regente / **Augustin Hadelich** – violino
Dias 21, 22 e 23; dia 24 (sem solista), Sala São Paulo

Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo
Marin Alsop – regente / **Camila Titinger** – soprano /
Lucas Thomazinho – piano
Dias 28, 29 e 30, Sala São Paulo

Este é seu último ano como diretora musical e regente titular da Osesp. São, ao todo, oito temporadas. A orquestra que você deixa é diferente da que encontrou?

Acredito que conseguimos desenvolver um grande potencial que já estava aqui quando cheguei. A orquestra hoje é mais disciplinada, exibe uma gama expressiva muito mais ampla, tem integridade rítmica, habilidades musicais. Creio que está em condições de atrair um maestro de alto nível, o que é muito importante. Acredito que eles sentem que todo o nosso trabalho ao longo desses anos está florescendo, se consolidando. Percebi isso claramente durante essa preparação para a turnê.

No Brasil, muitas das críticas em torno de seu trabalho mencionam o pouco envolvimento com o grupo, o fato de você ficar menos tempo do que o necessário para desenvolver o trabalho. O que você tem a dizer sobre isso?

Eu não sei... Para regentes e diretores musicais que estão em atividade, tenho um contrato típico. Na verdade, fico mais tempo com a orquestra que a maioria. Além disso, passo mais tempo trabalhando quando não estou aqui. Por exemplo, estou sempre em contato com a administração, conversando sobre a equipe, sobre como podemos atrair candidatas de alto nível para audições. Quando vou a lugares, ouço candidatas. Então, as pessoas não sabem tudo o que estou fazendo.

O que se diz é que, por ser uma orquestra ainda jovem, o ideal é que a Osesp tivesse alguém mais perto no dia a dia.

Não concordo que seja uma orquestra tão jovem. E eles já tiveram alguém que ficava aqui todo o tempo e me parece que não foi tão bom. Eu não sei, acredito que nosso contato foi balanceado, houve um bom tempo e atingimos mudanças reais. Tivemos projetos incríveis, fizemos ótimas turnês, gravações fantásticas, grandes concertos aqui na Sala São Paulo. Cuidamos do Festival de Campos do Jordão, iniciei uma academia de regência, o coro se aprimorou. Sinto que fizemos muita coisa. Eu não sei mais o que queriam que eu fizesse.

Você sai do cargo satisfeita com o trabalho desenvolvido? Há algo que não tenha conseguido fazer?

Uma boa novidade é que nesse novo posto de “regente de honra” nós estamos falando de fazer ao menos um programa por ano, talvez projetos especiais de tempos em tempos – um repertório que a orquestra nunca fez, uma encomenda de obra, levar o grupo a lugares diferentes do Brasil. Então, vou continuar com eles e estou feliz por isso. Sinto que desenvolvemos um ótimo relacionamento e seria uma pena perdê-lo.

O que você deixa como maior contribuição para a Osesp? Qual é seu legado?

“Acredito que nosso contato foi balanceado, houve um bom tempo, atingimos mudanças reais. Tivemos projetos incríveis, fizemos ótimas turnês, gravações fantásticas”

Creio que a sonoridade da orquestra. Hoje ela é capaz de fazer um pianíssimo realmente muito bonito, por exemplo. Esse é um tipo de coisa que trabalhei com eles a cada dia que estivemos juntos. Tem a ver com a ideia de ser um *ensemble*, um conjunto. É interessante, o Brasil é um país tão variado, as pessoas vêm de lugares diferentes, têm opiniões, bagagens culturais diferentes. Numa orquestra, isso é uma vantagem, pois dá uma diversidade real. Mas partir disso para se criar um *ensemble* é um desafio. Acredito que fomos bem-sucedidos.

Está participando da escolha do próximo titular? Qual seria o perfil ideal do próximo regente?

Não estou me envolvendo nessa escolha. Mas acredito que agora a orquestra está em condições de atrair alguém que tenha um bom trânsito internacional. Isso é importante para abrir as portas em todos os lugares. Espero que seja alguém de visão, que pense a orquestra e as coisas que ela é capaz de fazer. E, claro, que seja um excelente regente.

Está animada para iniciar o trabalho em Viena? Pode falar sobre seus planos?

Estou muito entusiasmada com o trabalho em Viena porque, claro, é o local de nascimento da música clássica, mas, ao mesmo tempo, uma cidade conservadora. Espero contribuir para mudar a forma como as pessoas enxergam a música clássica. A temporada ainda não foi anunciada, não posso adiantar muito. Mas é uma orquestra de rádio, tem um perfil diferente, não precisa tocar só repertório *standard*, faz muita música contemporânea. Música de europeus, alemães, austríacos contemporâneos. Esse é um novo universo para mim. No entanto, estou sempre interessada em desenvolver meios de atrair jovens músicos para as orquestras, seja aqui por meio da academia, seja lá – vamos começar um programa junto com o Coro dos Meninos Cantores de Viena, incluindo algumas crianças tocando instrumentos. Para mim, só reger concertos não é suficiente. Quero ser uma embaixadora das orquestras.

Sua carreira continua em plena ascensão, com um prêmio em Davos e o novo posto em Viena. Creio que, de um lado, você representa uma grande esperança e inspiração para as mulheres na regência ou mesmo em postos de comando.

Ah, obrigada, espero que sim.

De outro, você também é uma representante de líderes musicais que pensam o papel da música no século XXI. Como você enxerga essas questões?

A música é minha língua e minha paixão, é o veículo que utilizo para me comunicar com as pessoas. Fico feliz em trabalhar com mulheres jovens, dando-lhes suporte. Acredito que, para as mulheres, é muito difícil quando não se tem ninguém com quem conversar, quando você se sente sozinha. Espero que elas olhem para mim e pensem: “Não estou sozinha”.

Um dos meios de se viabilizar a música clássica é relacioná-la a projetos sociais. Você acha este um bom caminho?

Acho que é uma união maravilhosa. Música clássica é algo a que qualquer um pode aspirar. E todas as crianças deveriam ter a oportunidade de tocar um instrumento, se expressar por meio da música. Essa união beneficia também a orquestra, pois cria a audiência do futuro, os músicos do futuro. É fantástico fazer uma parceria dessa natureza. A música se torna para eles – como foi para mim – um caminho, um refúgio para lidar com as questões da vida.

Que lembrança você levará de suas estadias no Brasil e de seu trabalho aqui?

Eu amo trabalhar nessa sala. É bonita, e nosso público é extraordinário. Tivemos tantos bons momentos. Para mim, todos os Mahlers foram especiais. Vamos fazer a *Oitava* nesse ano, o que me deixa feliz. Adoro trabalhar com o coro. Além disso, ter feito *Too Hot to Handel*, em dezembro último, na parte de fora do Masp, com milhares de pessoas, ou ainda as muitas vezes em que tocamos em Santos, na praia, tendo 20 mil pessoas: tudo isso foi muito emocionante.

A primeira vez que conversamos, esperei enquanto você terminava uma aula de português. Conseguiu aprender a língua?

[Respira fundo e fala em português] Eu falo um pouco, mas é difícil, por não estar constantemente aqui... [Novamente em inglês] Quando chego, me acostumar com a mudança de língua é difícil. Consigo entender, mas falo pouco. E devo dizer que fiquei deprimida, pois, quando Valentina chegou aqui [a italiana Valentina Pellegrini, regente do coro], em um mês ela estava entendendo, no segundo mês começou a falar e no terceiro estava me ajudando! [risos]

Obrigada pela entrevista. ◀